

## O TEMPO E OS TEMPOS NAS LEITURAS DE NOLL

Enrique Nuesch<sup>1</sup>

**RESUMO:** Neste artigo, examina-se o tratamento do tempo e da subjetividade do personagem principal do romance *A céu aberto* (NOLL, 1996). Igualmente, são examinadas e criticadas as leituras de outros pesquisadores, as quais são feitas a partir de teorias pós-modernas. O exame do romance faz-se a partir da teorização de Marie Laure-Ryan (2009) acerca do tempo na narrativa. O exame crítico das leituras de Noll empreendidas por outros pesquisadores faz-se pela sua contraposição com a leitura feita a partir de Ryan e de considerações críticas acerca da subscrição a teorias pós-modernas no campo da crítica literária. Conclui-se que as leituras de orientação pós-moderna devem aceitar-se enquanto ficções críticas.

**PALAVRAS-CHAVE:** Tempo. Subjetividade. Teorias pós-modernas.

## THE TIME AND THE TIMES IN READINGS OF NOLL

**ABSTRACT:** In this paper the treatment of the time and subjectivity of the main character in the novel *A céu aberto* (NOLL, 1996) is inquired. Other researchers' readings of this novel - which are made from a postmodern standpoint- are inquired and criticized as well. The novel's inquiry is based on Ryan's (2009) theorization about time in narrative. The critical inquiry on the other researchers' readings of the novel is made by comparing them with the reading based on Ryan and by critical considerations on the subscription to postmodern theories in the field of literary criticism. It is concluded that readings based on postmodern theories must accept themselves as critical fictions.

**KEYWORDS:** Time. Subjectivity. Postmodern theories.

### Introdução

A fiar-se no que eminentes críticos dizem, entre o fim da década de 70 e o começo da de 80, algo como o “pós-modernismo” começou a despontar na prosa de ficção brasileira, ganhando uma expressão plena na década de 90 (SCHOLLHAMMER, 2011, p.29). Numa visão mais ampla, e como cabe sempre advertir sobre hipóteses de periodização, a tese é a de que as características desse pós-modernismo convivem ainda com formas do modernismo, muitas vezes compartilhando traços. Assim como nos campos técnico-industrial e socioeconômico, o campo literário possui expressões que adotam formas e temas de uma sociedade pós-industrial e expressões que tem formas e temas de uma sociedade em desenvolvimento, ou seja, manifestações em moldes consagrados pela tradição e manifestações de ruptura com esses moldes. Vê-se, pois, que é uma situação bastante indefinida, própria das situações em que se trata de historiar períodos recentes de história literária. Algo como uma mudança se marca enquanto consequência do sismo social causado pelo ano de 64; dá-se uma sucessão de estilos, procedimentos e temas (romance histórico, prosa existencial, novo realismo “brutalista” etc.), mas o amálgama de tendências não permite fazer cortes precisos no que daí proveio. Por isso a controvérsia ainda existente, as precauções e advertências como preâmbulo obrigatório ao se falar em pós-modernismo. Para Perrone-Moisés (1998, p.180) isto é inclusive sinal da indefinição teórico-conceitual da própria crítica que postula algo como um pós-modernismo em literatura.

Por isso esta mesma introdução com que iniciamos o nosso texto. A reflexão a que nos

---

1 Doutorando em Letras pela UEL; Professor Assistente na UNESPAR. Contato: enriquenuesch@gmail.com

entregaremos aqui não visa a dar avanço à discussão a que nos referimos acima, porém há de se reportar constantemente à indefinição em que desemboca. Iremos especular acerca do tempo no romance *A céu aberto* (1996). Especularemos sobre a constituição da dimensão temporal, tanto no nível da história como no nível do discurso, pressupondo, é claro, que esta clássica distinção narratológica seja possível de se fazer na leitura do mesmo. Trataremos de mostrar que a constituição do tempo neste romance não é nem “moderna” nem “pós-moderna”; que, de fato, a própria ideia de como se constitui o tempo não se deixa definir nesses termos, sendo, por assim dizê-lo, transcendente em relação a definições da ordem da estética das artes em geral. Oscilando entre o “close reading”, a análise narratológica e o comparatismo (bastante pontual), a nossa leitura construirá um diálogo entre o romance de Noll e questões gerais sobre a constituição temporal da subjetividade.

### 1. O problema crítico

Uma vez que parece haver um consenso entre os críticos (dos mais consagrados a pesquisadores em nível de mestrado e doutorado) segundo o qual a obra de Noll tematiza a “fragmentação do sujeito” (LOPES JUNIOR, 1991; SANFELICI, 2009; VALIM DE MELO, 2010; SCHOLLHAMMER, 2011), daremos isso por assente e começaremos o nosso arrazoado partindo dessa pressuposição.

Há uma hipótese sociológica acerca do sujeito que sustenta essa concepção fragmentada. Ela é tão reafirmada desde os anos 90 que já se tornou um *topos* da crítica: a relação do indivíduo com o mundo e com os demais passou a ser mediada por aparatos técnicos (tv, rádio, computadores etc.); do mundo e dos demais, o indivíduo recebe imagens, mensagens descontínuas, truncadas... E isso reflete na própria ideia de si mesmo que este indivíduo tem, na medida em que ela é construída em grande parte pelo *feedback* de si mesmo que o mundo e as demais pessoas lhe devolvem. Uma socialização desagregada por conta das relações de produção vai cortando os laços de cada indivíduo com os demais e com o seu entorno, fazendo com que nos imaginários particulares cada qual forme imagens do mundo e do outro cada vez menos coincidentes entre si; daí o motivo de se falar também num “esvaziamento” do sujeito: vivendo num *socius* que lhe devolve imagens de si cada vez mais descontínuas e desencontradas, o mesmo sujeito passa a viver de subjetividades provisórias, que se trocam de acordo com o *humor* e a necessidade do momento. O mais importante é que essa não-coincidência entre as imagens do mundo afetaria diretamente a *capacidade de narrar*, pois as narrativas, enquanto atualizações particulares de questões universais do ser humano, perdem o lastro de um mundo comum, ao qual os indivíduos recorreriam para identificar que os conflitos e soluções que as estruturam dizem respeito, em última instância, a eles mesmos. Neste momento, as narrativas só poderão construir mundos particulares, sem possibilidade de encaixe com um mundo alheio, sem possibilidade de formar algo comum.

No entanto, talvez por uma característica intrínseca da linguagem, talvez pela força de um hábito irreprimível, o confronto e síntese entre as diversas teorizações sobre o sujeito na pós-modernidade terminam por formar uma outra imagem do mundo, muito menos caótica que aquelas amostras (romances, contos, filmes, instalações, prédios etc.) nas quais as teorizações se baseiam para construir os seus arrazoados. Ainda hoje se fazem sentir os ecos da famosa conferência de Derrida *O signo, a estrutura e o jogo no discurso das ciências humanas*, proferida em 1966:

A partir de ce que nous appelons donc le centre et qui, à pouvoir être aussi bien dehors que dedans, reçoit indifféremment les noms d'origine ou de fin, d'archè ou de telos, les répétitions, les substitutions, les transformations, les permutations sont toujours prises dans une histoire du sens — c'est-à-dire une histoire tout court —

dont on peut toujours réveiller l'origine ou anticiper la fin dans la forme de la présence (DERRIDA, 1967, p. 410.)

Parece que, ao fim e ao cabo, o sujeito centrado e uno foi apenas trocado pelo “sujeito fragmentado” e, assim, o jogo da representação continua em andamento; e o que parecia ser a saída desse jogo é na verdade recuperado nele enquanto outro nome para a mesma função-sujeito. Não podemos ver as coisas de forma diferente quando a teorização passa a auferir dados sobre o “sujeito fragmentado” justamente em obras que, supostamente, tematizam o “sujeito fragmentado”, apontando para as formas de expressão empregadas pelos autores e correlacionando as obras com as teses sociológicas que tratamos de sintetizar acima.

Em termos mais diretos, a nossa posição é a de que, aquém das formas concretas de construção que o romance adota, e sejam quais forem os termos de periodização com que a crítica a elas se refere (realismo, naturalismo, modernismo, pós-modernismo etc.), há um horizonte impossível de ser ultrapassado, em relação ao qual as iconoclastias são imediatamente recuperadas pelo simples ato nominativo de classificá-las com epítetos prefixados como “anti” (-mimético, -romance etc.), “des” (-centrado, -locado etc.), “pós” (-utópico...) ou com atributos como o “fragmentado” de que se fala aqui.

O romance *A céu aberto* reúne as características que o colocam facilmente como uma manifestação literária pós-moderna: cortes sucessivos de espaço e tempo, identidade cambiante dos personagens (principalmente o “irmão” do protagonista), descrição explícita de relações sexuais, um fim que só pode ser chamado de “fim” porque o texto simplesmente cessa. Alinha-se, pois, com essa noção de “sujeito fragmentado”: com a voz narrativa em poder de um narrador homodiegético, cujas escolhas é que dão forma ao todo (quer dizer ao início e ao fim do texto) da narrativa; é centrada sobre ele mesmo e seu périplo; as narrativas intercaladas são mediadas pela sua memória (x contou-me que y contou-lhe). A periodização crítica se confirma: “Assim como em romances anteriores, *A céu aberto* é a expressão de um narrador cuja identidade não é definida, que relata experiências sem qualquer estrutura temporal” (CARREIRA, 2012). Mas, enquanto protocolo de leitura para estudar esse romance, não é claro que tal periodização também pré-forma o juízo? Não podemos ler o romance criticamente *sem* a escatologia do pós-moderno, sem a dialética entre moderno e pós-moderno que propulsiona o debate? A nosso ver sim, justamente naquilo sob cujo aspecto nenhum objeto inteligível (talvez com exceção de alguns objetos matemáticos, como as figuras geométricas) pode se furtar a ser considerado: o tempo. O tempo, que é tão facilmente dissolvido por operações críticas na contemporaneidade, feitas a partir de paradigmas teóricos pós-modernos.

Em artigo publicado há não muito tempo, Marie-Laure Ryan (2009) estudou o que chamou de “paradoxos do tempo” em três romances de ficção científica, de 1961, 1981 e 2003. O fato de tratar-se de ficção científica (algo que tornaria esses romances algo como “paraliteratura” para muitos críticos sisudos) é irrelevante diante das conclusões teóricas a que a autora chega. Para a nossa discussão, uma descrição mais detalhada desses romances carece de importância, a não ser no que diz respeito ao tratamento do tempo, que pode ser feito de duas formas: 1. reversão do fluxo temporal (um mundo em que a vida “começa” no túmulo e “termina” no ato de concepção); 2. viagens no tempo que “mudam” o passado e, conseqüentemente, o futuro. Nesses dois modos de se tratar o tempo, ainda que de um ponto de vista realista sejam claramente inverossímeis, há quatro “setas do tempo” das quais pelo menos uma necessita ser preservada para que a narrativa não perca sentido, quer dizer, se torne ininteligível: a “seta biológica”, a seta “cognitiva”, a “seta causal” e a “seta intencional”. Por mais liberdade com que se possa tratar o tempo em uma narrativa, pelo menos uma dessas setas deve ser preservada, e esse princípio se aplica a toda e qualquer narrativa. A “seta

biológica” é a que diz respeito à passagem do tempo fisiológico, quer dizer, ao desenvolvimento em termos de crescimento, envelhecimento e morte dos personagens no plano da história. A “seta cognitiva” diz respeito ao fato de o passado ser objeto de memórias e conhecimento, enquanto que o futuro objeto é de meras especulações. A “seta causal” diz respeito à causalidade entre fatos, ou seja, à relação causa-efeito. Por último, a “seta intencional” está intimamente ligada à seta cognitiva (Ryan a considera inclusive um aspecto da seta cognitiva), a intencionalidade distingue um passado de sequências de eventos acontecidos de um futuro de possibilidades ainda não realizadas, das quais só algumas se realizarão, diferenciando-se, assim, eventos que não podem ser mudados (realidade) daqueles que ainda o podem ser (possibilidade).

## 2. Análise e contraposição teórico-crítica

Entrando de fato no romance de Noll e examinando o aspecto temporal, é evidente que há saltos, zonas de indefinição, o que faz dizer-se do tempo que ele é não-linear. Como dissemos acima, o narrador é do tipo autodiegético, e tem completo controle da voz narrativa, sendo mediada pela sua própria voz a narração de histórias intercaladas, introduzidas por analepses ou abertura de subníveis narrativos. Mas não cremos que esse tratamento do tempo seja tão “desestruturante” a ponto de se poder afirmar que

a itinerância da personagem pressupõe a passagem do tempo; mas que tempo, se a temporalidade também é transgredida, na medida em que, no turbilhão de acontecimentos narrados, não se distingue o real da fantasia” (CARREIRA, 2012).

Vejamos. Das setas do tempo apontadas por Ryan, aquela que é violada de forma mais evidente é a “seta causal”, pois os nexos entre um núcleo de ação e outro são omitidos: não conseguimos, por exemplo, estabelecer uma relação clara de causa-efeito entre o adormecimento do narrador (após a felação com o general) e a sua subida no caminhão que o levou ao meio do campo de batalha (NOLL, 1996, p.55-6); igualmente, entre a última estadia na sacristia e o começo da “vida de casado” do protagonista com seu irmão menor (que a esta altura já se tornara uma mulher), não há qualquer nexo causal. São saltos temporais que, numa narrativa que respeitasse a “seta causal”, não se fariam sentir, na medida em que não haveria uma quebra sensível na relação entre os personagens ou no seu modo de agir, sendo o intervalo temporal “preenchido” por breves resumos que explicariam os saltos temporais. No romance de Noll, estas explicações não acontecem: as novas situações e relações entre os personagens simplesmente surgem após o corte da ação, interrompida ou descontinuada, feito na narrativa. Podemos ilustrar estes “saltos”, por assim chamá-los, com o esquema do deslocamento espacial do protagonista:

casa do pai → casa da mulher da pera → acampamento → //→ caminhão e campo de combate → deserção → acampamento → redondezas cidade → igreja → galpão → quarto sacristia → cemitério → quarto sacristia. – >//→ paiol e casa (...).

As duas barras (//) simbolizam os ditos saltos. É importante evidenciá-los porque, em contraste com seus feitos na “seta causal”, duas das outras setas temporais estipuladas por Ryan, a seta cognitiva e a seta intencional, são preservadas no romance. Uma vez que a narração constrói-se pelo discurso do protagonista narrador, as reminiscências das cadeias de eventos separadas pelos saltos são recuperadas pela memória dele. Neste aspecto, vê-se que o conceito de uma consciência que recupera o passado encontra-se com a descrição do fluxo de

consciência como formulado por William James ainda no século XIX. Não se deve confundir, no entanto, esse conceito geral do fluxo de consciência com a técnica narrativa conhecida como “fluxo de consciência” nos estudos literários, desenvolvida pelo irmão de William, o ficcionista e ensaísta Henry James. Esta se refere à explicitação do encadeamento de pensamentos e percepções do narrador no seu discurso; o fluxo de consciência como formulado por William James abrange o problema da constituição da consciência no tempo, quer dizer, como esta se constitui pela síntese entre as percepções passadas com as percepções presentes:

Within each personal consciousness, thought is sensibly continuous. I can only define 'continuous' as that which is without breach, crack, or division. The only breaches that can well be conceived to occur within the limits of a single mind would either be interruptions, time-gaps during which the consciousness went out; or they would be breaks in the content of the thought, so abrupt that what followed had no connection whatever with what went before. The proposition that consciousness feels continuous, means two things: a. That even where there is a time-gap the consciousness after it feels as if it belonged together with the consciousness before it, as another part of the same self; b. That the changes from one moment to another in the quality of the consciousness are never absolutely abrupt. (JAMES, [1892] 2012)

Ainda que haja um “time-gap” (vazio de tempo), o que veio antes desse vazio é integrado com o que se apresenta depois dele. É o que temos no caso das retomadas da narração do personagem de Noll: dá-se uma síntese do que veio antes dos saltos com o que veio depois, e tal síntese integra-se ao “same self”. Há, assim, uma sucessão linear dos fatos no tempo, ou uma linearização do tempo pelo encadeamento dos fatos; a ausência de nexos causais por conta dos saltos vem a ser suplementada pela síntese entre o antes e o depois, a qual preenche o vazio deixado pelos saltos: a violação da seta causal é remediada pela manutenção das setas cognitiva e intencional. Restringindo-se um pouco mais à seta intencional, deve-se notar também que ela é evidente no fato de o personagem principal ser movido tanto pela busca do pai (por mais ou menos um quinto do romance) como, depois, pela busca do irmão menor (por quase um terço do romance); isto mostra como há um projeto de futuro próximo, visto como uma possibilidade (encontrar o pai, encontrar o irmão), em função de um momento presente (de ausências do pai, do irmão), presente este que é tal como é por conta das determinações do passado. Deste modo, vê-se que, mesmo subjetivamente (quer dizer, não só na apresentação do tempo pela narrativa, mas pela concepção do tempo implicada por um projeto de futuro por parte do personagem), o tempo se apresenta tal como a concepção tradicional o pinta: como um fluxo contínuo “para a frente”.

Falta-nos considerar ainda a seta biológica. Ao abordá-la, primeiramente, uma confusão deve ser desfeita. O fato de, no plano da história, o irmão menor do protagonista sofrer uma transformação do sexo masculino para o feminino não nos autoriza, de forma alguma, a duvidar da sua continuidade enquanto personagem. Pode-se fazer referência o quanto se quiser à “transitoriedade”, “instabilidade”, ao “esvaziamento” (e outras denominações) do sujeito na pós-modernidade ao se abordar o irmão menor. No entanto, isso jamais irá permitir que se negue o fato de a mencionada transformação ter-se dado em etapas claramente delimitadas pelo narrador. Ou seja, por mais descontínuo e fragmentado que possa ser o discurso do narrador, ele exhibe uma linha de continuidade facilmente distinguível no que diz respeito à transformação do irmão menor, a qual podemos esquematizar em quatro estágios assim:

Vestido para 1ª comunhão -> sacristão -> irmão/mulher -> “minha mulher”

De fato, no estágio “sacristão”, o narrador chega a especular sobre o uso de hormônios (NOLL, 1996, p. 72) para auxiliar a transformação (a mudança de sexo), o que é uma espécie de racionalização de sua parte. Após a morte do padre (e o seu enterro) e uma última estada dos dois irmãos no quarto de sacristia, há um lapso temporal (o segundo corte do nosso primeiro esquema), após o qual os irmãos reaparecem levando uma vida de casal e dá-se mais ostensivamente a transformação do irmão menor em mulher:

Precisarei romper com esse negocio de pensar nessa figura aí como meu irmão, falei dentro de mim. Cheguei perto e vi que o leite vinha subindo. Virei o botão do fogão, o leite estancou. Perguntei cheirando-lhe o pescoço levemente perfumado se ela andava distraída. Ela suspirou e fingiu que voltava a si. Eu já era um homem apaixonado, ainda mais por saber que aquele corpo percorrera um itinerário tão tortuoso para chegar até ali. Dentro daquele corpo de mulher deveria existir a lembrança do que ele fora como homem, e boliná-lo como eu fazia naquele instante deixava em mim a agradável sensação de estar tentando seduzir a minha própria casa, onde eu encontraria o meu irmão quem sabe em outro momento. Não, o meu irmão não morrera naquele corpo de mulher, ele permanecia lá dentro esperando a sua vez de voltar, e eu beijava um pedaço de seio à mostra e desamarrei a camisola e disse que queria um filho dela e disse que não queria um filho dela, pois que estava bom assim sem filho sem nada, para que uma criança entre nós dois se uma outra poderá ressurgir daí na pele do meu irmão? (NOLL, 1996, p.76-7)

Neste ponto, já vemos a passagem do “ele” para “ela” no modo como narrador se refere ao irmão menor. O último estágio da transformação é denotado pelo tratamento por “minha mulher” em passagens posteriores, uma delas: “Quando chego em casa de manhãzinha minha mulher está dormindo com um homem na cama de casal” (NOLL, 1996, p. 85).

Agora, bem, pode-se dizer, acompanhando leituras em chave pós-moderna (MARKENDORF, 2010; CARREIRA, 2012), que a identidade do irmão menor é indefinida por conta do processo de transformação, que barreiras de identidade e de gênero são rompidas, o que é uma condição visível da pós-modernidade e atestada por seus teóricos (por exemplo, o omnicitado Stuart Hall). No entanto, o protagonista jamais irá esquecer de que aquele “corpo de mulher” é e continua a ser o do seu irmão menor, nem sequer após o irmão menor ter passado a ser “minha mulher” :

Hoje em dia quando penso nisso é como que anestesiado, o meu irmão claro se mistura à imagem dela, e a sensação que tenho é a de que me agradece com um sorriso firme e sincero o bem que fiz tirando dele de vez a chance de reemergir do corpo da minha mulher. (NOLL, 1996, p. 145)

A seta biológica referente ao irmão menor, pois, é inelutável quanto à sua direção e linearidade: um contínuo que vai adiante, interrompida, claro, quando do assassinato do personagem.

Do narrador e personagem principal, pode-se dizer o mesmo. Da imagem de sua memória, da sua identidade cambiante, do seu “des-centramento”, podem-se dizer e fazer correlações as mais perspicazes com o a “fragmentação do sujeito”. A seta biológica, não obstante, subjaz e vem à superfície, mostrando que uma concepção linear do tempo é o que dá sustentação e substrato ao ente do qual se predicam os atributos pós-modernos. A contrapelo de todas as opacidades, quebras e descontinuidades, encontramos o protagonista expressando uma noção de tempo biológico bastante clara: “sentia que estava prestes a perder minhas regalias de menor, embora não soubesse direito o ano em que eu nascera, o meu pai nunca se preocupou com essas coisas de registro” (NOLL, 1996, p. 21); “estou como se velho, pensei

de um golpe, mas não sei que idade me dar” (p. 49). O que pode parecer uma característica do “sujeito pós-moderno” enquanto ausência de identidade, por não saber o ano em que nasceu, é, de fato, explicado por uma distinção básica, feita por Edmund Husserl em suas preleções sobre a consciência imanente do tempo (elaboradas entre 1893 e 1917): que o tempo objetivo e registrável por relógios e calendários não coincide com o tempo subjetivo, o qual pode ter diferentes “durações” para sujeitos diferentes em situações diferentes (ver McInerney, (1988); para uma discussão sobre a atualidade dessa concepção husserliana, ver Wittmann, (2011)). O espelho, que em muitos momentos deu ensejo a se pensar sobre a perda de identidade, devolve a imagem de si a um homem que sabe, que se dá conta de que envelheceu:

então me dirigi para diante do espelho da lanchonete dessa nova cidade onde me encontrava agora, e com certo pasmo me vi quase igual ao próprio comandante desdentado: um cara que era eu e que parecia nas vésperas dos cinquenta, algumas boas falhas dentárias, uma barriga saliente mas que não chegava a humilhar seu dono. (NOLL, 1996, p.156)

E inclusive, olhando-se, é capaz de ter expectativas sobre si, pode vislumbrar as possibilidades diante da imagem de si que ele está vendo:

e realmente não me decepcionou completamente isso que vi, estava bem como estava, um homem que ainda podia viver suas aventuras, um homem que ainda podia despertar uma promessa ou outra, nada desprezível eu acho (NOLL, 1996, p.156).

Do começo ao fim do romance, a seta biológica está a informar que o tempo *avança* e que é nele e por ele que podemos –se assim for a nossa vontade enquanto leitores– construir, por meio de *interpretações*, temporalidades pré-modernas, modernas ou pós-modernas.

## Conclusão

Esta breve inquirição a partir das quatro setas do tempo de Ryan mostra-nos que o tempo constitui-se como uma condição de possibilidade da própria inteligência da obra literária, que dificilmente pode ser subvertido e, quando o é, isto se faz através de uma representação segunda, um tempo dentro do tempo, cujas características só podem ser indicadas por contraste com a temporalidade básica que dá sustento à obra. Assim, o tempo a que se referem as denominações periodológicas quando se postulam as concepções do tempo subversivas, inovadoras, contestadoras, é um construto, que pode ser tanto artístico –quando ele é evidentemente parte de uma obra, como o tempo cíclico de *Cem anos de solidão*– como teórico –quando ele é proposto pelas operações críticas e só pode ser entendido como parte da obra se a leitura da crítica que o propõe anteceder à leitura da própria obra. No caso do romance de Noll, parece-nos que se dá a segunda opção: a “fragmentação” e “desestruturação” do tempo mostra-se mais como um construto crítico do que como uma característica “objetiva” do romance. Não que isto represente qualquer problema em termos de teorização e operação crítica. Pelo contrário, cremos que essas construções críticas nos tornam conscientes de que obras ditas pós-modernas deixam espaço, sim, para a criação imaginativa do leitor. Se há um problema, este não é com os construtos da crítica a partir das obras, mas sim com a contradição que se dá entre os postulados teóricos que alimentam com seus conceitos as mesmas leituras críticas de corte pós-moderno. É impossível, parece-nos, negar que essas leituras entregam-se ao mais tradicional exercício de *interpretação* quando encontram nas obras que leem aquilo que as teorias em que se apoiam estão postulando.

Pensando ainda na questão da “fragmentação do sujeito”, pergunta-se: como é possível aceitar que na pós-modernidade o sujeito é incapaz de produzir narrativas coerentes e, ao mesmo tempo, concluir a partir de obras ditas pós-modernas que elas refletem essa condição? Não está claro nesse procedimento que a linguagem, contra tudo o que a teoria em questão diz, é, *sim*, capaz de representar? De representar justamente o “sujeito fragmentado”? Como se pode subscrever aos mais radicais anti-mimetismos teóricos e em seguida trabalhar com o velho paradigma do “autor como antena do seu tempo”, tão propugnado pelo modernismo? Porque é exatamente isso que se dá, por exemplo, com Noll. Consultando-se algumas teses, dissertações e artigos acerca da ficção de Noll, não é raro encontrar citações pessoais do próprio ficcionista, o autor João Gilberto Noll, sendo utilizadas como embasamento para alguns argumentos. Por exemplo:

Em seus romances, não há o herói épico, a narrativa de uma saga, mas sim um sujeito em liquidez, mutante e desgovernado. Um sujeito sem voracidade e valentia; alheio de qualquer fato histórico, que nunca ser o narrador ou o protagonista de feitos maravilhosos como os heróis tão recorrentes na Literatura de outrora, pois o que o autor quer “*realmente fazer é um afresco do tempo em que estamos vivendo. As longas peregrinações dos heróis balzaquianos ou flaubertianos do século 19 são impossíveis hoje*”. (NOLL, citado em CORDEIRO, 2008, p. 45, cursiva nossa)

Ou conclusões que lançam mão abertamente do conceito de *representação* que, de acordo com a teoria que embasa o próprio raciocínio, deveria ser impugnado *in limine*:

Nesse sentido, em Noll, a própria narrativa torna-se esse corpo movimento, cristaliza o mal-estar de um nomadismo errante, *é representação* de um tempo que atesta a crise das grandes narrativas e revela o narrar de novas formas de existência, ainda não legitimadas pelo social, mas já tatuadas na epiderme desse corpo metamorfoseado em linguagem. (HARTMANN, 2010, p.191, cursiva nossa)

Assim, ao apontar essa contradição, queremos notar que as dissoluções, descentramentos e fragmentações propugnadas no campo da teoria parecem aplicar-se a todos os sujeitos, com exceção dos teóricos e dos críticos: estes, por algum motivo inexplicável, escapam às fragmentações, descentramentos, dissoluções e conseguem construir, ainda, leituras e narrativas coerentes e plenas de sentido acerca de seus objetos. Ou, ao contrário, colocam-se tacitamente como personagens do mesmo caos que descrevem de forma coerente em suas narrativas crítico-teóricas, mas ali se colocam com a especial tarefa que os pensadores sempre tiveram, a de analisar e dar um sentido às coisas; e *nesse sentido*, o paradigma de leitura pós-moderno, assim como epíteto “pós-moderno” aplicado a obras literárias, seriam apenas mais um nome para o trabalho interminável de *interpretação* a que a humanidade se entrega. Interpretação dos seus dilemas, como a finitude, a morte, o desejo, temas estes que transcendem períodos e estilos artísticos. Mais um nome, pois, para apontar como são elaborados de forma *variada* os dilemas e limitações humanos que são *invariantes*, como, por exemplo, o tempo.

De certa feita, Juan Carlos Onetti, um dos grandes escritores hispano-americanos do século XX, disse que “en literatura, tiempo se escribe siempre con mayúscula” (ONETTI, 1994, p.369); parece ser que isto vale para o romance de Noll: “De uma coisa sai outra de onde sai outra e assim sem parar, mas sem mostrar o fio que esclarece a sucessão dos fatos” (NOLL, 1996, p. 122), o fio, a linha do Tempo que não se mostra, mas sobre a qual se constroem as os “fatos”.

## Referências

CARREIRA, Shirley. *A céu aberto: a poética da transgressão*. Disponível em: <http://www.joaogilbertonoll.com.br/est9.htm>. Acesso em: 11 de jul. 2015.

DERRIDA, Jacques. *L'écriture et la différence*. Paris: Seuil, 1967

CORDEIRO, Sarita Costa Erthal. **Por vias e desvios: um panorama sobre o protagonista de João Gilberto Noll em suas trilhas contemporâneas**. Dissertação de Mestrado. Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Centro de Ciências do Homem, 2008.

HARTMANN, Giuliano. A céu aberto, de João Gilberto Noll: identidade narrativa, biografias do corpo, transgressão e subjetividades. **Olho d'água**, São José do Rio Preto, v.2, n.2, p.174-193, 2010. Disponível em: <http://www.olhodagua.ibilce.unesp.br/index.php/Olhodagua/article/viewFile/75/89>. Acesso em: 12 de jul. 2015.

HUSSERL, Edmund. **Fenomenología de la conciencia del tiempo inmanente**. Traducción de Otto E. Langfelder. Buenos Aires: Editorial Nova, 1959.

JAMES, William. **The stream of consciousness**. Disponível em: <http://psychclassics.yorku.ca/James/jimmy11.htm>. Acesso: em 15 jul. 2015.

LOPES JÚNIOR, Francisco Caetano. A Questão Pós-Moderna Vista da Periferia: O Caso João Gilberto Noll. **Hispania**. v.74, n 3, September 1991. Disponível em: <<http://www.cervantesvirtual.com/obra-visor/hispania--11/html/p0000017.htm>>. Acessado em 11 de jul. 2015.

MARKENDORF, Márcio. A experiência ambígua do gozo e do corpo em *A céu aberto*. **Anuário de Literatura**, n. 15, jul. 2010. Disponível em: <<http://periodicos.ufsc.br/index.php/literatura/article/view/2175-7917.2010v15n2p19>>. Acesso em: 12 jul. 2015.

McINERNEY, Peter K. What is still valuable in Husserl's analyses of inner-time consciousness. **The Journal of Philosophy**, v. 85, n. 11, p. 605-616, nov. 1988.

NOLL, João Gilberto. **A céu aberto**. São Paulo: Companhia das Letras, 1996.

ONETTI, Juan Carlos. **Cuentos Completos**. Alfaguara: Madrid, 1994.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas literaturas**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

RYAN, Marie-Lauren. Temporal paradoxes in narrative. **Style**. v. 43, 2009. Disponível em: <http://www.engl.niu.edu/ojs/index.php/style/article/viewFile/15/12>. Acessado em: 9 jul. 2015.

SANFELICI, Agnes. **Narrativas curtas dos anos 90: suturas/fissuras**. Tese. Programa de Pós Graduação em Literatura Brasileira. Instituto de Letras. UFRGS: 2009.

SCHOLLHAMMER, Karl Erik. **Ficção brasileira contemporânea**. Rio de Janeiro:

Civilização Brasileira, 2011.

VALIM DE MELO, Cimara. **O lugar do romance na literatura brasileira contemporânea.** Tese. Programa de Pós Graduação em Literatura Brasileira. Instituto de Letras. UFRGS: 2010.

WITTMAN, Maurice. Moments in time. **Frontiers in Integrative Neuroscience.** v.5, n. 66, 2011. Disponível em:  
[http://www.frontiersin.org/Integrative\\_Neuroscience/10.3389/fnint.2011.00066/full](http://www.frontiersin.org/Integrative_Neuroscience/10.3389/fnint.2011.00066/full). Acesso em: 16 jul. 2015.